

Orelha Engano geográfico (2012)

*“Num poema uma linha pode esconder outra linha /
Como num cruzamento, um trem pode esconder
outro trem / Isto é, se você está esperando para
atravessar / Os trilhos, espere ao menos um
momento depois que / O primeiro trem tiver
passado. Também ao ler / Espere até você ter lido a
linha seguinte – / Só então é seguro prosseguir a
leitura.”*

Na estrada, vou ouvindo esse poema de Kenneth Koch, que vai tocando como uma canção, trocando de lugar diversos elementos, modulando tempo e espaço.

Se posso listar o que encontro no deslocamento: Mérilheu, Perpignan, Tânger e uma viagem de trem, de ônibus, de avião, de carro, de metrô, de bonde. Se posso listar o deslocamento, um encontro com Emmanuel Hocquard e Juliette Valéry. Se posso listar, uma Barcelona ensolarada, um acidente na estrada, o poço, o sol pela janela uma listra na perna. Um muffin de blueberry, um acaso fundamental, vários acasos se multiplicando, mapas, um mexicano, uma lovesong, línguas seguindo como as linhas de um mapa. Se posso listar o que encontro, um trem esconde outro trem e é um trem ao mesmo tempo. Se posso listar os encontros, se posso listar os elementos de um mapa. Há também o que não

pode ser previsto, o que vai desfazendo cada lista, cada passo, cada linha sobreposta. Um engano é um engano. Se posso espreitar pela janela dois ônibus amarelos se cruzando na estrada. É um mapa e é sobre um texto. É uma linha e é sobre os sons que ia ouvindo, como uma figueira em um campo de golfe, sobre os sons que ia ouvindo ao cruzar um espaço, ao atravessar um desenho. É uma lista de notas na orelha de um livro e é sobre um começo.

M.G.